

4468

74

1

CADERNO 2

Garrincha, o mais famoso dos Fulni-ô

O "anjo das pernas tortas" descende desse povo que, apesar da aculturação, mantém o idioma e os rituais religiosos

MEMÉLIA MOREIRA

Nem os 415 anos de contato com nossa sociedade foram suficientes para que a nação Fulni-ô perdesse seu idioma. Eles, conhecidos também como Carijó, são os únicos índios do Nordeste que conservam a língua, fator de unidade e de defesa contra o colonizador. O mais famoso de todos os fulni-ô na sociedade ocidental foi "o anjo das pernas tortas", Garrincha, o jogador que até hoje encanta as novas gerações que podem vê-lo em vídeo com as jogadas que desafiavam a lei da gravidade. Outros seguiram seus passos mas não passaram do futebol regional.

A aculturação foi inevitável e agressiva. O grupo Fulni-ô é o único, no País, cuja aldeia se localiza dentro de uma cidade, Águas Belas (PE), a 273 quilômetros de Recife. Esta situação foi criada a partir do século XIX. Até então, eles perambulavam por extensas áreas que hoje são os municípios de Caruaru, Gravatá, Taquaritinga e Brejo da Madre de Deus.

Toda a aldeia se desenvolve nas laterais da igreja, que é a principal referência da "rua Santa Teresinha",

onde vivem os índios. Essa situação peculiar é explicada pela relação entre os missionários de São Pedro. No ano de 1749, estes missionários conquistaram, dos índios, a cessão de uma parte do território Fulni-ô e o pároco arrendou estas terras aos brancos que construíram a futura cidade de Águas Belas ao redor da igreja. Os primeiros incidentes entre brancos e índios se instalaram e continuaram até a década de 70, já no século XX.

Com aproximadamente três mil habitantes, a aldeia dos Fulni-ô também é cortada por uma rodovia federal (BR-423), que separa a aldeia do centro sagrado desse povo: a reserva do Ouricuri, um outro local de moradia na qual os Fulni-ô vivem durante três meses, em rituais religiosos. A área do ritual do Ouricuri foi descaracterizada ao longo do tempo. Antes, quando ainda viviam cercados por mata de palmeiras, os Fulni-ô construíam as casas de palha. Com o passar do tempo e a devastação dos coqueiros, eles optaram pela construção da casa de taipa. A arquitetura do Ouricuri, em forma de labirinto impede qualquer aproximação. E os Fulni-ô guardam, como "segredo de Estado", dificultando, até mesmo para os antropólogos, qualquer estudo sobre

esta manifestação religiosa.

Músicos - Entre Garrincha e Jair Brito, mas de trinta anos separaram as realidades dos Fulni-ô. Nesses 30 anos, o cacique Antonio dos Santos viu seus filhos crescerem e saírem da aldeia. Mesmo distantes, nenhum deles renega a identidade indígena, nem mesmo

Marcos, o herdeiro do cacique. Tem uma banda de rock. Toca em Recife e nos arredores de Águas Belas, mas Marcos faz questão de se apresentar com sua identidade indígena dizendo, "Sou Marcos Fulni-ô", diferente de outros povos do Nordeste que há muito renegam sua origem.

Arquivo



O povo Fulni-ô preserva as suas tradições mesmo habitando o centro de uma cidade



O jogador Garrincha, um dos mitos do futebol brasileiro, é descendente dos Fulni-ô